

# o segundo travesseiro

---

Moa Sipriano

MOASIPRIANO.COM

# parte 1 :: inferno

Véspera de Natal. O relógio caquético da sala indicava exatamente cinco da tarde. Dominado pelo tédio, com a ponta enluvada de um dedo trêmulo, eu rabiscava um sol dono de um sorriso estúpido, gaivotas raquíticas e casinhas meigas com imensas chaminés no vapor formado pelo meu hálito sabor chocolate-quente que havia tingido um dos vidros translúcidos da única janela decadente da minha sala sem cor.

Lá fora, a chuva não dava uma trégua sequer desde as primeiras horas da manhã, desabando sem piedade sobre as casas de madeira.

Um frio fora de época congelava meus instintos mais primitivos. Dezembro de festas. Nosso verão estava atrasado. Sentia-me como se estivesse numa Nova Iorque de sonhos, imaginando a neve cobrindo todas as dores do homem rico, enquanto flocos esparsos tentavam animar as esperanças daqueles que ainda acreditavam no Espírito do Natal.

Era o fim de 2001. O começo de uma nova era. O mundo realmente havia mudado. Climas estranhos, pessoas confusas, países destroçados, feridas abertas. Impossível não relembrar a todo momento que uma nação poderosa havia sido esfaqueada pela frente e pelas costas.

Tum, tum... aviões encravados no coração do mundo. Naquele dia fatídico, chorei e cheguei a perder o controle de mim mesmo, enquanto permanecia estático com os olhos grudados por horas a fio zapeando entre todos os noticiários da tv, afim de colher o máximo de informações possíveis a respeito dos atentados.

Lembro-me das pessoas que tentavam compreender o que estava acontecendo naqueles dias de trevas, e eu travava uma batalha intensa contra minha mente e meu coração, tentando descobrir o porquê de uma ausência sem sentido.

Clóvis, meu marido, após alguns dias de inquietação, havia abandonado o nosso lar sem dar maiores explicações. Tudo terminou com um “vou sair e volto no final da tarde” e um beijo úmido na minha face esquerda, sonolenta, às cinco da manhã do último dia de setembro. Não houve um adeus.

Já era noite e eu me peguei caminhando de um cômodo a outro da casa, preocupado, avaliando quem eu julgava ter sido meu homem, meu companheiro, meu mais fiel amante. Eu queria respostas. Ou ao menos compreender o motivo de tudo.

Entrei em desespero. Eu não encontrava uma razão para aquela “fuga”. Cinco anos inúteis? Onde ele estava? Dei inúmeros e repetidos telefonemas para todos os nossos conhecidos. Ninguém sabia de nada. Clóvis partiu para uma dimensão paralela, para os braços da Senhora Aventura. Foi a minha primeira morte.

Atônito, na madrugada, eu rodava pela casa e via muitas coisas conquistadas em conjunto simplesmente deixadas para trás. Roupas, sapatos, jóias, relógios, objetos que traziam alegrias e emoções proporcionadas pelas vitórias e sucessos de uma vida em comum. Até a bendita roupa de mergulho e os caros tambolhos submarinos permaneciam espalhados pela garagem, à espera de seu legítimo dono.

Net e Web, nossos gordos ursos de pelúcia, amanheceram no primeiro de outubro desnudos e jogados num canto do sofá. Eu dormi no chão.

Resumindo a ópera-bufa, da nossa casa confusa partiu meu homem carregando somente a pochete com os documentos essenciais, um cartão de crédito vencido, nossa única foto abraçados e felizes comemorando recentemente cinco anos de “casados” num badalado restaurante em Downie; o capacete vermelho esfolado na altura da nuca e a indefectível jaqueta de couro “exterminador do futuro”. Nada mais.

Clóvis evaporou-se na bruma da primeira madrugada montado em sua moto ano 75 (recentemente restaurada a um custo exorbitante).

Eu nunca mais fui o mesmo. Foram três meses de anulação suprema. Eu queria respostas concretas para as perguntas que ficaram pairando na brisa marítima.

Vinte e quatro, onze e trinta. As crianças aproveitavam a trégua dos céus para aporrinhar os adultos em busca de guloseimas e de pequenas lembranças natalinas. Era a nossa tradição, copiada descaradamente da grande festa americana em homenagem às bruxas fofas ou más.

Pouco antes da meia-noite, a turba mirim saía em disparada, batendo de porta em porta, entoando trechos de canções natalinas em um dialeto parte em alemão, parte em um português capenga, enquanto o dono da casa visitada tentava dividir com justiça balas e doces e fatias de bolos confeitados delicadamente, envoltos num tecido de algodão branquíssimo.

A algazarra ganhava espaço quando os pimpolhos eram presenteados, além dos doces, com carrinhos de madeira e bonecas de pano, tudo multicolorido, produzidos com todo esmero, técnica centenária e paciência infinita pelos grandes artesãos da ilha.

Eu também fazia a minha parte, preparando ao longo do ano pequenos livretos com poesias e figuras para colorir. As frases poéticas eram de minha autoria. Os desenhos de traços delicados e deliciosamente infantis eram frutos do talento de Clóvis, um grande ilustrador. Felizmente ele havia deixado imagens suficientes para alegrar uma infinidade de dezembros adiantes.

Eu sempre punha os livretos dentro de latas individuais decoradas com carinho, onde lápis coloridos e borrachas perfumadas completavam o presente educativo. As latas literárias eram disputadas à tapa não só pelos pequenos.

Os sinos da igreja de S. Crabedean destilaram seus gritos agudos, porém harmoniosos, nove segundos antes da meia-noite oficial. Uma saraivada de “boas-festas” e “feliz natal” entoada ora em alemão, ora em português, tentava sufocar as badaladas centenárias. Sorrisos e abraços sociais eram trocados com sinceridade. Os nativos da ilha ainda mantêm o egoísmo trancado à sete chaves.

Eu ouvia toda a alegria à distância, soterrado debaixo do endredom, enquanto meus sentimentos destroçados e minha solidão esmagadora eram asfixiados no alto grau do vapor etílico que pairava no interior do meu corpo decadente. As garrafas vazias de cerveja rodopiavam no piso de madeira, ao som dos sinos de belém, segundo a minha visão difusa. Bêbado, sempre bêbado em ocasiões especiais. Sou um bicho anti-social.

Desde que Clóvis me abandonara, eu praticamente vivia como um ermitão trancafiado conscientemente dentro de casa, onde por apenas uma hora das longas quartas-feiras eu me dispunha a sair do meu labirinto, quando precisava entregar meus textos datilografados ao meu editor em seu escritório, no centro da ilha.

Por ironia, meu sustento vinha da publicação semanal de um artigo de auto-ajuda na segunda página em preto e branco do nosso jornal local. Minhas palavras alimentavam a esperança do meu povo.

Cheguei a ouvir batidas insistentes nas portas da sala e da cozinha. Ouvi também meu sobrenome (McBee, McBeeeee!) sendo proferido por vozes masculinas e femininas em uníssono. A casa escura e triste espantou os espíritos alegres e festeiros, que foram gozar seus momentos mágicos em outras bandas.

Adormeci. Bêbado comatoso. Net e Web permaneceram enfiados e aquecidos no meio das minhas pernas finas, desprovidas de pêlos, que ainda tiritavam embaixo do endredom.

Acordei aos pulos por volta das seis da manhã de um Natal frio e distante. Clara, minha vizinha-fofoqueira-de-plantão, fã número dois dos meus artigos, quase destruiu a janela do meu quarto, implorando aos berros para que eu acordasse, levantasse o mais rápido possível e ligasse a televisão. Entre gemidos e sussurros, confirmei a minha presença na casa e arrastei meu corpo estropiado para a minha sala sem cor.

Mal eu havia destravado a imensa porta da sala, Clara entrou esbaforida, olhando-me de cima a baixo com cara de nojo, ao perceber meu estado deplorável e meu hálito afastrado.

Sentei-me de qualquer jeito no grande sofá, enquanto minha vizinha mignon tentava descobrir qual botão do controle remoto ligaria a televisão.

Mesmo antes da imagem ganhar nitidez na tela de vinte polegadas, o som grave e assustador de sirenes e tumultos generalizados atinou todos os meus sentidos. A grande ponte que liga Lovland ao mundo fora palco de uma tragédia.

Luzes vermelhas e azuis tentavam quebrar o cinza daquele dia de Natal agora sem festas. O velho ônibus do sr. Raasch praticamente havia se partido ao meio. Malas, bolsas, presentes e enfeites, ferros retorcidos e corpos desfocados pululavam na tela. A voz emocionada da repórter da tv de Downie (a cidade do continente ligada à ilha através da ponte) nos dava com precisão as dimensões do acontecimento.

De acordo com diversas testemunhas, algo havia se soltado da traseira do veículo, fazendo com que o mesmo ganhasse uma velocidade descontrolada. Segundos depois, as rodas dianteiras travaram, provocando o inevitável capotamento.

O ônibus bateu violentamente numa mureta de concreto localizada no final da ponte, logo na entrada da ilha, pouco antes do pórtico de boas-vindas, rodopiando sobre seu próprio eixo, até se desfacelar num canto do asfalto molhado do outro lado da pista. Dos trinta e oito passageiros, nove terminaram aquela manhã de Natal ao lado de Deus.

Pedi para Clara me deixar sozinho. Eu não estava disposto a dividir comentários e adivinhações conspiratórias sobre uma nova tragédia coletiva. Minha vizinha perguntou pelo menos trinta vezes se eu ia ficar bem, ao observar meu estado deplorável e meus olhos inchados de tristeza e cansaço. Meu falso sorriso abatido envolto num hálito fétido despachou prontamente minha visita insistente.

Preparei uma dose cavalaresca de café sem açúcar e mais uma vez permaneci estático diante das imagens ao vivo projetadas pelo grande reproduzidor de mundos distantes.

Eu sorvia goles fumegantes que feriam o céu da minha boca e a minha garganta atrofiada. O vapor que fugia galopante da minha caneca de ágata turvava meus olhos mareados. Dezenas de lágrimas deslizavam torrencialmente na devassidão do meu rosto disforme. No final daquela manhã macabra, todos na ilha já sabiam os nomes dos seus mortos.

O tempo passava fora de compasso. Eu pressentia o movimento além das portas trancadas da minha moradia. Idas e vindas de pessoas boquiabertas, atarantadas, buscando o alívio em um ombro amigo disposto a agüentar um fardo deveras difícil.

E eu ali, o Senhor das Consolações, impotente, sem uma única palavra de amparo aos meus fiéis leitores. Um covarde, era isso o que eu era.

Felizmente, na confusão, esqueceram-se de mim. Eu também havia morrido para os amigos.

Eram oito horas de uma noite desoladora. O último gole de um café frio sambava no interior das minhas bochechas murchas. Deixei a televisão sem som por horas a fio. Eu não suportava ouvir o sofrimento dos meus conhecidos estampado na tela. Sons excruciantes de almas alemãs que perderam seus filhos, amigos, conhecidos ou amantes.

Tentei tomar um banho, curar-me da ressaca e do abalo psicológico a que tinha me submetido. Não consegui permanecer mais do que alguns segundos debaixo das águas quentes. As gotas despencadas do chuveiro feriam a minha pele, atingindo em cheio meu espírito derrotado.

Voltei para a sala envolto no velho roupão felpudo que um dia fora de meu marido, o covarde abduzido por sua própria ignorância. Respostas. Eu queria as respostas de um ato baixo e insensato. Clóvis, cadê você? De onde estiver, será que você está acompanhando o nosso sofrimento agora, ao vivo?

Uma imagem despertou meu coração assim que ele surgiu diante dos meus olhos, chamando imediatamente minha atenção. O corpanzil róseo estava retesado num canto da grande pilastra de concreto que sustentava a estrutura da nossa rodoviária modernosa.

O repórter, insensível, tentava tirar mais alguma informação daquele homem destruído pela tragédia ocorrida horas atrás. Aumentei o som da tv, na esperança de captar a dor do entrevistado.

Entre soluços angustiantes, o homem relatava sua impotência diante do acontecido. Pelo que eu entendi, somente a poucos instantes ele tinha sido avisado de que houvera um acidente envolvendo toda sua família.

Aquele homem rústico, encoberto numa poça de lágrimas de sangue, derramava sua dor diante da câmara bisbilhoteira e sensacionalista, que perscrutava seu rosto alterado, tenso, assustado.

Vi no seu olhar o vazio da minha alma, pois fora exatamente aquela dor que eu havia sentido

quando perdi meu pai, depois minha mãe e, de certa forma, também quando perdi Clóvis para não sei o que, quem ou onde.

Saber que uma pessoa que você ama simplesmente não existe mais por causa de um acontecimento previsto (meus pais morreram de câncer: ele no pulmão; ela na laringe - tudo por causa do maldito cigarro de palha) é algo doloroso, mas compreensível (mesmo conscientes dos males do cigarro, eles nunca se cuidaram).

Mas perder alguém que um dia simplesmente resolveu evaporar-se, é muito estranho, pois você se vê completamente sem parâmetros para traçar e avaliar os fatos claramente.

Desliguei a tv. Corri para o meu quarto. Meu rosto estava encharcado em desespero. Gritei, soluzei, me debati sobre a cama desfeita do meu lado esquerdo. Olhei para o segundo travesseiro no lado direito da grande cama. Sentia-me sozinho. Eu queria aliviar a minha dor no abraço apertado de um amor ausente.

De olhos bem fechados, a imagem do rosto daquele homem tinha sido gravada à fogo em minhas retinas dilaceradas. O fogo da compreensão imutável daqueles que passaram pela nefasta experiência da Senhora Dor estuprando impiedosamente nossos espíritos impotentes.

De um só golpe, aquele homem havia perdido não só a sua família, mas também qualquer perspectiva de futuro, tornando-se mais uma vítima da solidão involuntária, enfurnado sistematicamente num sofrimento diabólico que o consumiria por anos e anos e anos a fio.

Em uma débil oração, pedi a Deus que o protegesse. Senti, na imaginação, por alguns microssegundos, aquela alma dilacerada sendo acariciada fraternalmente pelas minhas mãos abençoadas, experientes, tranquilizadoras.

Mudar a posição. Colocar-se no lugar do outro. Eis a chave do equilíbrio. Dar carinho e receber um momento de atenção. Eu queria ser o seu anjo da guarda.

Eu queria aplacar a sua dor, meu caro desconhecido, pensei, já entre sonhos. Eu conhecia profundamente os meandros daquele sofrimento. Dormi dolorosamente entre soluços e lágrimas.

## **parte 2 :: purgatório**

Numa quarta-feira abafada de abril, praticamente obrigado pelo meu editor-patrão, eu entregava em suas mãos macilentas mais um extenso artigo datilografado onde palavras de consolo e de incentivo tentavam aplacar a dor permanente que insistia, como uma chaga, em permanecer aberta nos corações de praticamente todos os habitantes de Lovland.

A temporada de verão tinha sido um fiasco. De uma hora para outra, o tempo enlouqueceu, chuvas torrenciais e ventos indomáveis empaparam nossas praias, afugentando os tradicionais jovens surfistas - que, desiludidos, foram se aventurar em outras paragens.

E poucos gatos pingados, basicamente nossos vizinhos argentinos - sempre os mais velhos, falantes e barrigudos - deram as caras nas praias, bares e pousadas de uma irreconhecível comunidade quase fantasma.

A tristeza coletiva pela perda de nove vidas cheias de virtudes e alegrias embotou os ânimos de todos. Os pescadores fanfarrões já não contavam mais suas hilariantes inverdades com disposição e vitalidade. As lavadeiras e fiandeiras velhas, solteiras e fofoqueiras, já não destilavam mais seus venenos sobre tudo o que acontecia na vida alheia.

Até as crianças já não sorriam, brincavam ou se divertiam livremente no colégio ou no parque público como faziam antes da tragédia do final do ano passado (uma das professoras mais queridas da ilha, a senhora Ziemann, estava entre os mortos no acidente da ponte).

Por milagre, profissionalismo ou pura hipocrisia, eu ainda conseguia publicar minhas palavras de incentivo e alto-astral.

Todos na ilha sabiam do meu “caso” com meu caso. Todos foram solidários quando descobriram - via fofoca’s delivery - que Clóvis havia me abandonado aparentemente sem nenhum motivo sustentável. Houve comoção e apoios sinceros, mesmo entre os que apenas toleravam a homossexualidade.

Mas, por puro egoísmo, eu havia me fechado por completo. Nas poucas horas em que eu permanecia envolto em sociedade, somente meu sorriso tímido e automático era disparado para aqueles que cruzavam o meu caminho. Eu desfilava pelas ruas debaixo da máscara de uma vítima sofredora. Eu, egoisticamente, queria chamar a atenção de todos para o meu sofrimento.

“Bom dia” e “Boa tarde” eram os mantras proferidos... e só. Eu era apenas respeitado por ser um bom contador de histórias positivas. Nada mais.

Os dias de junho de 2002 transcorriam sem novidades. O vento sul trazia o frio cortante. As ondas quebravam com maior intensidade nas praias de areias brancas e finas. O céu permanecia quase sempre acinzentado e o vento permanente empurrava o sabor salino do oceano para o alto, tentando temperar um pouco mais aquele inverno insosso.

As inspirações para meus delírios literários vêm do mar. Mais precisamente da observação constante do movimento das águas e da concentração mediúnica nas palavras recitadas pelas ondas que beliscam meus pés descalços, enquanto caminho sem escolher onde chegar.

Longas caminhadas sem destino e sem horas marcadas são um remédio eficaz para o afastamento da loucura e o embotamento da solidão. Tiro minhas energias do ar e do silêncio. Deixo a força dos ventos limpar meus vestígios impuros. Esse é o meu segredo de uma eficaz meditação.

E naquele quase começo de noite, invariavelmente, meu corpo leve e meus longos cabelos soltos se deslocavam pelas areias umedecidas, perdidos naquele infindável pedaço do Paraíso.

Solitário ao sabor do vento, de repente meus olhos discerniram uma figura humana pronta para entrar nas águas traiçoeiras de uma maré em ascensão.

Ao me aproximar do ser hipnótico, distingui um homem branco de barba dourada, desgredada, trajando uma surrada calça jeans que contrastava violentamente com o terno de perfeito caimento, ligeiramente apertado na altura dos quadris, que destacava a ossatura sólida daquele homem forte e decidido.

Mesmo com a pouca luz natural que se esvaía com rapidez, meu olhar atento percebeu a fina camisa social clara que combinava satisfatoriamente com a gravata de seda, em tons certamente azuis, chapiscada de pontos claros e discretos. Maldita mania de sempre prestar atenção aos detalhes.

Com o olhar perdido na imensidão oceânica, ele não havia notado a minha presença.

Atento, um tanto chocado com a cena surrealista, notei a mão direita do homem segurando sacos de lona que estavam fortemente amarrados em seu pulso. E dentro dos sacos havia algo pesado, desconcertante, que ativou minha mente indicando-me que algo errado estava para acontecer.

O homem prosseguia o seu ritual, entregando-se com vontade ao enlace das águas revoltas. Perdendo o equilíbrio por diversas vezes, seu corpo era açoitado pelas ondas, enquanto afundava de tempos em tempos, desaparecendo por segundos eternos submerso nas águas geladas.

Uma sirene disparou no vão do meu bom senso. No piloto automático, corri em direção ao idiota que certamente tentava suicidar-se.

Naquela praia específica, grandes buracos na areia formados por redemoinhos contracorrente eram comuns. Uma pessoa que não soubesse nadar, em segundos poderia afundar e não ter “pé” para subir à superfície, entrando em desespero, engolindo água salgada, finalmente perdendo todas as forças e sucumbindo por causa do desrespeito às leis básicas da natureza.

A escuridão atingira o seu auge. Meu corpo molhado, congelante, irrequieto, trancafiava as minhas energias. Foi com muita luta, coragem e sorte – e uma dose extra de burrice (eu não sabia nadar) – que consegui salvar aquele corpo pesado e inerte da fúria da maré-cheia.

Já em areia firme, arranquei a gravata e afrouxei as amarras que sustentavam os sacos pesados no pulso do irresponsável. Xinguei até a décima geração do cretino ao descobrir que os sacos de lona continham areia, que uma vez molhada, ampliava seus pesos em dezenas de quilos, o que havia dificultado enormemente o meu resgate.

Tentando rapidamente recuperar o equilíbrio mental, tirei do bolso da minha bermuda pingante um pedaço de elástico e preendi meus longos cabelos negros no alto da cabeça, formando um coque bizarro.

Enxuguei meu rosto frio com as costas das mãos úmidas. Ainda desnortado, eu me preparava para aplicar os primeiros socorros no sujeito delirante, quando de um salto, suas mãos alucinadas e trêmulas agarraram meu pescoço e uma voz gutural sobrepujava os sons vindos do oceano.

“Seu filho-da-puta. Você não tinha o direito de me impedir de morrer!”, o troglodita gritava, roufeno.

Petrificado, usando o instinto de sobrevivência, com um só movimento certo empurrei o brutamente para longe e já me preparava para defender minha honra, quando o homem desabou em posição fetal e começou a chorar copiosamente, descontrolado, abatido, liquidado.

Os acontecimentos dos últimos cinco minutos bagunçaram toda a minha estrutura. Esgotado, entreguei os pontos e me sentei ao lado do homem derrotado, tentando aquecê-lo com meu abraço trêmulo, aguardando o tempo necessário para que pudéssemos recuperar nossa civilidade.

“Você está melhor? Quer conversar?”, eu disse, tentando ser o mais paciente e carinhoso possível, afim de evitar uma nova crise histérica do meu novo encosto.

Sem a lua cheia para abrilhantar o nosso caminho, dois corpos ocultos no escuro da noite gelada permaneceram em silêncio.

Ainda sem saber o que fazer, demorei segundos eternos para tomar a iniciativa de convidar, com sutileza, o sujeito a vir até minha casa.

Fraco e ainda desorientado, o homem fez um meio “sim” com a cabeça, baixando totalmente a guarda ferina, finalmente.

Na completa escuridão, onde nem mesmo as estrelas davam o ar de sua graça, eclipsadas por densas nuvens carregadas, eu segurava aquele corpanzil frio, seguindo a passos lentos o trajeto mais do que conhecido por mim.

Em silêncio, absortos, caminhamos por quase trinta minutos até chegarmos ao calor acolhedor da minha rua iluminada.

Ao abrir o portão de casa, a forte luz âmbar proveniente de um poste público desnudou-nos perante nossas realidades. Vi no rosto encovado e barbudo o olhar que por meses e meses permaneceu encravado em minha mente. Balancei a cabeça em negativa. Engoli o choro e as primeiras pontadas do nervosismo. Sim, era ele.

Podemos esquecer tudo de uma pessoa, mas jamais apagamos um olhar de nossas almas. Aquele homem que perdera toda sua família num acidente recente e que fora exposto no limiar do seu sofrimento no horário nobre em cadeia nacional de tv, estava agora amparado em meus braços, fraco, desfalecido, impotente, servil.

Olhei para um céu imaginário e agradei a Deus por atender as minhas preces. Eu sou seu anjo da guarda, pensei, feliz. Esbocei um leve sorriso interior.

Dopados pela experiência aterradora que havíamos passado a pouco, entramos em minha casa e desabamos no grande sofá da sala sem cor. Dormimos doze horas seguidas.

“Eu conheço você”, ele disse, encostado no batente da porta, observando-me enquanto eu tentava manter os olhos abertos, acostumando-os à claridade matutina.

“Você é o cara do jornal. Aquele que escreve bonito... Mc... McBee, é isso, não é?”, o brutamente continuou, esboçando um sorriso tímido, ajeitando com as mãos pesadas o seu terno alinhado, coberto de sal e areia.

“Sim. Sven McBee. Este é o meu noommeee”, confirmei, bocejando longamente, ao despertar com dificuldade para um novo dia aparentemente não mais solitário.

Desejando desesperadamente um banho quente, perguntei a quanto tempo ele estava acordado. Recebi como resposta um “o suficiente” seco e direto.

“Meu nome é Tetzner. Jörn Tetzner. Obrigado por me salvar.”

“Tetzner... Tetzner. Você não é o verdureiro que mora em Gobsun?”, perguntei, ainda sonolento, enquanto trocávamos um sólido aperto de mãos.

Ele voltou a encostar o corpo no batente, aparentemente nem um pouco incomodado com a aspereza de nossas mãos e braços repletos de sinais de areia. Jörn cruzou os braços fortemente diante do peito, como que a se proteger de algo além do seu alcance.

“Sim, sou eu mesmo. Pelo jeito você já conhece a fama do *verdureiro* aqui, não é verdade?”, fui brindado com um novo sorriso tímido, e pude notar uma fresta de uma carreira de dentes perolados que refletiam o sol magnífico daquela manhã.

O verdureiro que morava no extremo sul da ilha, diante de uma das praias mais bonitas da região, era muito popular devido a ultra qualidade de seus famosos tomates, alfaces, pepinos, jaboticabas, mangas e companhia ilimitada.

Lembro-me que em toda quinta-feira, uma verdadeira caravana de mulheres se dirigia a Gobsun, em busca de produtos frescos, totalmente isentos de agrotóxicos, a preços bem camaradas.

Sempre achei estranho uma horta abrir somente um dia na semana para atender seus fregueses, mas naquele momento não tive vontade de questionar o porquê.

“Acho que estive uma ou duas vezes em sua propriedade, Jörn. Mas eu nunca o tinha visto antes. Parece-me que quem atende os fregueses é sua esposa... hum... bem... desculpe, não me recordo o nom...”

“Atendia”, ele disse, cortando minha frase insensível.

“Como?”, perguntei, enquanto a ficha demorava a cair.

“Linda. *Ela atendia os fregueses*. Linda Tetzner. Esse era o nome da minha esposa.”

Bééé!!! Sinal de alerta. Linda havia morrido no acidente. Ela e as filhas. Caralho, que mancada!

Duas semanas depois do acidente, eu escrevi um artigo emotivo exaltando as qualidades daqueles que haviam perdido suas vidas (mesmo sem conhecer nada a respeito de oito dos nove mortos).

Eu não sabia onde enfiar minha cara idiota após cometer tamanha gafe. Jörn cobriu os olhos para disfarçar as lágrimas. Eu não sabia o que dizer, além do óbvio.

“Perdoe a minha insensibilidade. Agi como um idiota”, respondi, tentando inutilmente consertar um diálogo perdido.

Totalmente desperto após o desastre das minhas colocações, esqueci do banho, levantei-me do sofá e fui direto para a cozinha, preparar algo para o nosso café da manhã.

Jörn permaneceu mais alguns instantes encostado no batente da descomunal porta da sala, observando em silêncio as ondas calmas que purificavam as areias mornas. Finalmente abandonou suas meditações e adentrou a cozinha para me fazer companhia.

“Obrigado por me salvar de mim mesmo. Ontem. Você sabe”, ele repetiu o agradecimento, mesclando o alemão com o português, olhando para o chão de piso de madeira, acariciando desconfortavelmente a barba desgrenhada.

“Fiz o que tinha que ser feito. Sei como você se sente. Acredite, eu fiz coisas muito loucas para chamar a atenção do mundo”, eu disse, pausadamente, enquanto abria o armário em busca das canecas e dos apetrechos para o preparo do café.

“Eu também já tentei me matar, Jörn, quando me senti terrivelmente sozinho... E foram duas vezes, pode acreditar”, concluí o resumo da minha tragédia, pousando duas grandes canecas de ágata sobre a mesa de madeira e ferro.

Durante a fervura da água, não trocamos uma palavra sequer. Quando o café pronto fora derramado na segunda caneca, sentamo-nos à mesa e sorvemos nossa bebida revitalizante, trocando olhares periféricos à procura de um ponto em comum para retomarmos o diálogo. Foram mais alguns longos minutos de silêncio.

“Você é Fruta?”, Jörn perguntou, corado, perscrutando meu olhar através do vapor que saía de sua caneca cor de laranja.

Surpreso com a pergunta formulada com uma ingenuidade gritante, quase engasgando com o café agora morno, respondi positivamente com um leve aceno de cabeça.

“Algum problema para você, Jörn, por eu ser... Fruta?”, respondi assim que o resto do ouro negro desceu pela minha garganta.

“Não sei. Nunca estive ao lado de um Fruta. E só percebi que você é um por causa desse teu cabelo liso e comprido demais, dessa tua pele sedosa e perfeita demais, dessa tua voz delicada demais e, claro, também por causa desse teu *dedinho* apontando para o norte, enquanto toma o teu café”, ele respondeu, rindo um sorriso aberto e abobalhado, tipicamente masculino.

“Bom, vou logo avisando: se você me salvou e me trouxe à tua casa com a intenção de eu te comer... bom, pode tirar a tua égua da chuva”, proferiu o brutamonte, onde as palavras eram ditas asfíxiadas no meio de uma mastigada de um pedaço de pão amanhecido.

“Ah, sim, você tem toda razão. Eu costumo mesmo sair por aí toda noite para caçar paquidermes com síndrome de pânico, resgatá-los das garras das velhas e desdentadas sereias medievais e como forma de pagamento, lógico, dar uma bela trepadinha básica...”, eu disse, no meu tom mais anasalado possível.

“Mas, falando sério... se você acha que eu ia perder meu precioso tempo em retirar da água uma anta cabeçuda que se achava uma oferenda perfeita para a Rainha dos Mares... e ainda por cima transar com essa anta bipolar que sonhava em ser o Flipper... bom, meu caro, eu realmente tenho mais o que fazer”, respondi, manipulando as emoções para parecer ofendido, levantando-me teatralmente da mesa, sorrindo às escondidas.

Depositei nossas canecas vazias sobre a cuba e preparava-me para lavar bule, coador de pano, colheres e facas, dando as costas propositalmente para meu visitante suicida, quando ouvi os conhecidos soluços de tristeza que culminavam quase sempre numa cascata de lágrimas.

“Hei, Jörn, o que foi? Eu estava brincando!”, virei-me de supetão, largando esponja e detergente sobre a pia.

“Desculpe-me pela minha rudeza. Estou descontrolado. Sinto-me sozinho. Porra. Seis meses de solidão. Nenhum bosta de parente para me consolar, só para me acusar de tudo. Nenhum amigo, sem minhas filhas, sem Linda. Desespero, fim de tudo, sacos de areia no meu pulso. Eu queria o fim. Estar com Linda novamente. No Céu. Nem sei se o Céu existe. Onde está Deus? Por que Ele poupou a minha vida e não as vidas das minhas mulheres? Por que eu permaneci em Downie naquela maldita madrugada, naquela maldita bodega, enquanto minhas lindinhas voltavam para Lovland afim de preparar o maldito almoço de Natal? Por que eu dormi por tanto tempo naquele quarto de hotel? Bebida, bebida, bebida... Estou confuso. Eu sou confuso. Linda ficou ofendida e partiu magoada comigo, eu tenho certeza disso. Por que, McBee, responda-me, já que você é o cara ou a bicha que escreve aqueles textos tão lindos. Por que elas foram tiradas de mim?”

Eu, o Senhor das Consolações, mais uma vez me vi impotente diante do sofrimento alheio. Era fácil para mim salvar o mundo escondido atrás da minha velha Olivetti, através das minhas palavras mágicas e cheias de lugar comum.

Frases feitas e decoradas com incentivos lidos em pára-choques de caminhões. Inspirações retiradas das caminhadas solitárias enquanto eu sorvia a maresia durante minhas meditações, ou de Seleções antigas que meu pai costumava colecionar obsessivamente. Naquele instante, eu me sentia um fracasso como pessoa.

Teria eu a chance de realmente merecer o Amor? De ter amigos leais e sinceros? De por em prática tudo aquilo que eu escrevia tão bem nos domingos solitários e entregava às quartas-feiras para ser editado e publicado no nosso jornal local que despencava indubitavelmente por todos os cantos da ilha todos os sábados pela manhã?

Será que Clóvis havia me deixado por não suportar meu jeito fechado de ser? Essa era uma pergunta que talvez jamais fosse respondida. Ou talvez eu estivesse pisando na resposta descarada.

Jörn deixou minha casa pouco antes da hora do almoço. Ainda tivemos tempo para conversar um pouco sobre nossas vidas após o café da manhã. Eu o havia consolado, ajoelhado diante de suas lamentações ao lado da mesa da cozinha. Segurei suas mãos fracas e ele aceitou o meu carinho fraternal, porém ainda estranho aos seus olhos. Para ele, eu ainda era um alienígena tentando estabelecer contato.

De volta ao sofá da sala, deixei que ele me contasse resumidamente a história de sua vida. Todos nós temos grande necessidade de cantar a nossa Canção Psicológica. Percebi que Jörn levava uma vida sem maiores tentações, onde tudo se encaixava exatamente como um roteiro típico de uma novela global do horário das seis.

Infância feliz ao lado de pais estruturados. Jovem, classe média, após se formar em Química, casou-se com a primeira e única namorada (conhecera Linda na cantina da faculdade em Downie). Tiveram gêmeas cinco anos depois do casamento (uma gravidez difícil, de risco). Mudaram-se para Lovland (em busca de tranquilidade e segurança).

Jörn trabalhou por doze anos numa indústria têxtil. Cansou de ser robotizado. Largou tudo. E com as economias resolveu investir parte do dinheiro numa poupança para as filhas e outra parte na “construção” de sua horta. E desde então seus rendimentos vinham das frutas e legumes ali cultivados com suas próprias mãos. É barato viver em Lovland.

Uma vida pacata, feliz, comum e corrente, igual àquelas ilustrações meigas de famílias felizes que vemos em antigos calendários dos anos 50 ou dos livretos de propaganda religiosa de alguma seita evangélica fundamentalista. Tudo é colorido e perfeito num pedaço de papel.

Em comum com a minha história, Jörn também havia perdido os pais ainda adolescente. Eles morreram, juntamente com o cãozinho da família, num fogo cruzado entre policiais e bandidos durante uma viagem que deveria ter sido de férias naquela Cidade que um dia fora Maravilhosa. Jörn então passou a ser criado pela avó materna.

Após o seu relato sucinto, percebi que Jörn não estava lá muito interessado nos meus percalços de vida. Em menos de dois minutos resumi toda a minha existência num único parágrafo verbal: “Garoto pobre também criado pela avó, que estudou apenas até a penúltima série de um ensino fundamental, que sempre viveu de bicos honestos, que nunca gostou de ser “robotizado” em nenhum emprego, que encontrou o seu talento na literatura de apoio aos necessitados, que era razoavelmente bem pago por isso, que vivia na casa herdada pela avó, que tinha o péssimo carma (existe péssimo carma?) de atrair homens ligeiramente problemáticos e neuróticos de plantão, que não era feliz no sexo (apesar de ser um amante perfeito e de sempre ter satisfeito plenamente seus parceiros - nenhum jamais conseguiu satisfazê-lo por completo), que nunca tinha saído do eixo Lovland-Downie e, finalmente, que nos últimos anos tinha dedicado sua vida a um homem que fora abduzido por seres alienígenas (era confortável aventar essa hipótese absurda, porém hilariante), apoiado suas artes rabisquentas e suas exposições esdrúxulas, satisfeito todas as fantasias bizarras do amante péssimo de cama (um gay consegue ser péssimo de cama?)... que atualmente era um ermitão-bobão recluso entre uma dezena de paredes. Fim.”

Jörn riu até perder o fôlego após ouvir perplexo o meu monólogo repleto de trejeitos tipicamente viadescos. Despediu-se com um abraço desajeitado, enquanto eu procurava seu ouvido esquerdo, sussurrando delicadamente em seu interior: “Vá, mas não se mate, sua anta!”

Um novo setembro. Um ano pós-tragédias mundiais e pessoais. Recordações, tristezas, feridas reabertas na alma. Eu havia definitivamente desistido de procurar por Clóvis. Sem notícias, sem cartas, sem telefonemas, sem nada. Cada um deve escolher o seu caminho. Não devemos estancar no passado.

Na última quarta-feira do mês eu voltava da minha rotina de trabalho, desatento, quando praticamente trombei em Clara, que cruzou comigo na curva da rua Weiss, carregada de sacos de papel pardo repletos de frutas e legumes cheirosos.

Desajeitado como sou, pedi desculpas sinceras à minha vizinha, jogando parte do meu cabelo para trás, liberando totalmente a visão, ajudando-a no equilíbrio dos sacos enormes. Passamos a caminhar juntos.

“Hoje farei uma torta de brócolis com alho que vai enlouquecer meu marido!”, ela disse, esfuziante.

“Pelo jeito o jantar vai terminar na cama, não é, sua safadinha”, ri, enrubescendo, tentando lembrar da última vez em que fiz sexo.

“Vocês homens, gays ou não, só pensam nisso o tempo todo, não é mesmo?”, disse Clara, soltando um gritinho estridente.

“Homens sonham com sexo ilimitado. Mulheres sonham com cartões de crédito ilimitado. Gays fazem sexo ilimitado e têm cartões de crédito ilimitados. Simples assim!”, eu disse essa bobagem, estalando os dedos, fazendo biquinho e caindo imediatamente numa tremenda gargalhada que há muito tempo permanecera entalada sob meu espírito cansado.

“Quer um tomate? Tome, pode comer, está limpíssimo!”, disse Clara, entre risos histéricos, depositando rapidamente em minha mão um suculento tomate dono de um vermelho gritante.

Sem cerimônias, eu devorava aquela tentação, enquanto Clara me passava a receita da tal torta de brócolis, que eu anotava de cabeça.

Quando chegamos em nossas casas, nos despedimos sob a promessa de que eu ganharia um generoso pedaço da iguaria afrodisíaca no começo da noite, antes do maridão chegar, claro.

Por intuição, movido pela curiosidade, perguntei a Clara onde ela havia comprado as frutas e os legumes. Antes mesmo dela responder, eu já sabia a resposta. Uma saudade adolescente pipocou no centro do meu peito.

Levei um bom tempo para me decidir se valeria a pena visitar Jörn ou não. Por covardia, medo ou simplesmente por inércia depois de tudo o que eu havia sofrido nas mãos dos homens errados, nada me dava ânimo para enfrentar uma nova relação - nem que fosse somente de amizade - com um outro homem.

Mas na manhã da primeira quinta-feira de outubro, respirei fundo, apanhei a bicicleta e levei a minha confiança para um passeio à praia chamada Gobsun.

Quarenta e tantos minutos de pedaladas hercúleas contra o vento, sem parar nem por um

minuto sequer, finalmente cheguei ao meu destino. Foi um choque encontrar um aglomerado de senhoras e mocinhas nervosas diante do cercado que delimitava os domínios do verdureiro.

Elas gritavam, chamavam, esperneavam e nada do homem dar as caras na janela da simpática casa de madeira que lembrava, e muito, uma casa de bonecas de histórias em quadrinhos.

Tentando ser discreto, rodei por alguns metros adiante, na esperança de que as clientes frustradas retornassem para suas casas. Não demorou muito a minha espera.

Quando todas foram embora, deixando-me sozinho, rondei a propriedade de Jörn, apreciando a variedade absurda de sua imensa horta. Os maravilhosos canteiros de terra vermelha fervilhavam de vida, cores e texturas de árvores frutíferas, legumes vibrantes e verduras tenras, tudo devidamente setorizado, organizado à perfeição. Difícil imaginar que um homem solitário e abalado ainda tinha forças para manter aquele lugar quase divino, garantindo assim o seu sustento.

Para um vegetariano xiita como eu, aquela era a visão do verdadeiro Paraíso na terra. Em uma palavra: encantador.

A tranca quebrada do portão principal estava envolta numa grossa corrente, onde um pesado cadeado selava definitivamente a passagem. Ao chegar próximo a casa, pesquisei com o olhar alguma movimentação mínima. Porta fechada, janelas tapadas por cortinas puídas. A morte continuava rondando aquela parte da propriedade.

Um estrondo. Coisas metálicas caindo pelo chão. Meu coração arrebatava meu peito, batendo acelerado, feito um louco.

Instinto de sobrevivência. Algo de errado no ar. Por onde entrar, meu Senhor?

Larguei a bicicleta numa pequena duna. Corri alucinado para o lado sul da casa. Mais sons metálicos. Algo estava sendo arrastado. Dor, desespero. Pense, pense, pense McBee!

Um pedaço de cerca quebrada. Meu passaporte para um mundo estranho. Minha salvação. Com dois ou três chutes, arrebattei as tiras de madeira podre, abrindo um vão no cercado. Na pressa, cortei meu braço nas lascas de madeira. Ignorei a dor. Eu precisava salvá-lo de si mesmo.

Além do braço esquerdo cortado, onde um fio de sangue emporcalhava minha camiseta branca, notei meu pé direito inchado, pois ao chutar as madeiras não havia me tocado de que eu estava calçando apenas chinelos de borracha.

Correndo pelo quintal feito um Bambi manco, sorri de nervoso, tentando disfarçar a dor das minhas loucuras. Por sorte, a porta da cozinha estava levemente aberta. Por azar, a visão do inferno se materializou na minha frente. Jörn estava jogado no chão e seu corpo navegava por sobre uma grande poça de sangue.

Saldo das estrepulias de uma anta cabeçada: um imenso galo na cabeça, um corte superficial no pulso direito (que por milagre não atingiu nenhuma veia), um corte feio na coxa esquerda e, claro, mais um corte ridículo no queixo quadrado (sinal de uma barba malfeita).

Ao me deparar com um homem todo ensagüentado estrebuchado no chão sujo de uma cozinha imunda, nem sei de onde tirei forças para remover aquele corpo medonho daquele local decadente e arrastá-lo para o banheiro minúsculo de uma casa cuja planta fora certamente feita por um arquiteto cheirado cola.

O que me salvou da histeria e do desespero junto à cena dantesca foi que Jörn, ao me ver, abriu um sorriso idiota, inundou o meu rosto com um bafo putrefato, devidamente calibrado com o cheiro da bebida mais vagabunda que um sujeito pode sorver; buscou o meu abraço e disse, num alemão quase incompreensível:

“Meu anjo frutinha... você veio *salvá* eu de novo? Glória a Deus!”

## **parte 3 :: céu**

Daquele dia em diante, tomei uma decisão radical. Praticamente me mudei para a casa de Jörn. Após cuidar de suas feridas e pacientemente aguardar que ele voltasse à condição de ser gente, discutimos longamente todas as suas aflições. Era imprescindível buscarmos a ajuda de um médico, um curandeiro (havia muitos na ilha), um padre, um psicólogo ou mesmo a soma de todas essas possibilidades.

Jörn, quando não bebia, era um homem pacato, de poucas palavras, realmente introspectivo. Cuidava de suas horta como quem cuida de pequenos bebês indefesos. Era tocante vê-lo preparar a terra, escolher sementes, montar os canteiros, plantar as mudas, colher o suor do seu trabalho digno.

Eu, claro, deixei entrar os espíritos da Dirce Arrumadeira e da Lú Patinadora ao mesmo tempo em meu corpo e por dias e noites sem cessar, bailando aqui e ali, transformei aquele antro de tristeza num verdadeiro lar cheio de luz.

Criamos uma rotina de casal. Eu chegava às segundas-feiras por volta das oito da manhã, sempre acompanhado por sacolas de mantimentos, tais como produtos de limpeza, quilos de café, fardos de panos de chão e uma seleção gelada de animais mortos em forma de bifes e peitos e coxas e sobrecoxas.

Eu era encarregado pela cozinha, mas não me atrevia a fritar qualquer coisa que pingasse sangue. Nessas horas, Jörn assumia a frigideira e ria e cantava sem parar, provocando-me na hora das refeições, passando seus pratos mortos diante do meu olfato delicado.

Enquanto o resto do tempo eu me dedicava aos outros trabalhos domésticos, Jörn passava praticamente o dia todo em sua horta.

Voltou a atender suas freguesas às quintas-feiras. Aprendeu a cuidar de si mesmo um pouco mais (eu o proibi de usar barba, dizendo-lhe que ficava ridículo com aquela piaçava desgrenhada na cara). Voltou a ter com quem conversar nos momentos difíceis, quando as lembranças tornavam-se pesadas demais. Eu era “o” amigo.

Havia regras engraçadas criadas por ele. A de número um: eu não podia vê-lo envolto na toalha de banho ou usando “roupa de baixo”. Dois: jamais ousar entrar em seu quarto durante a noite (eu dormia na sala, pois o quarto das crianças deveria permanecer intocável). E finalmente a de número três: nunca, sob nenhuma hipótese, cantar e imitar Donna Summer na cozinha enquanto ele estivesse assistindo o noticiário, antes do nosso jantar.

O que salvou a nossa sanidade foram os longos diálogos que mantínhamos rigorosamente todas as noites. Caminhávamos lentamente pelas areias fofas, afastando-nos um pouco da casa, logo após o nosso jantar. Em silêncio, deixávamos as ondas brincarem sobre nossos pés descalços e terminávamos a primeira parte do nosso passeio sentando em nossas cadeiras dobráveis, observando a miríade de estrelas no veludo negro da Dama da Noite.

“Sabe, Fruta McBee”, Jörn disse certa vez, “Fui educado para odiar os gays. Aquela coisa de que todo homem que se deita com outro homem é uma aberração, é contrário às Leis Divinas. Enfim, essas bobagens que dizem que Deus disse, mas que hoje sei que são palavras convenientes registradas por um bando de homens servientes a um dogma ridículo, em pedaços de papiros deturpados ao longo dos séculos.

“Por toda minha vida, fui orientado a fugir de tudo o que fosse diferente ou incompreensível. E conviver com um gay, até pouco tempo atrás, era algo muito além daquilo que eu podia ignorantemente suportar.

“Quando Linda e minhas filhas partiram, padeci muito por causa da pressão que os parentes dela me causaram. A mãe até agora insiste em dizer que elas morreram por minha culpa. Você sabe da história de cor e salteado, mas tenho que repetir tudo pra mim mesmo.

“Na véspera daquele Natal – Deus, parece que foi ontem! – eu estava entediado com a rotina das comemorações familiares e disse a Linda que ia sair um pouco, passear pela cidade grande, mas que voltaria antes da ceia. Ela não gostou da minha atitude, mas respeitou a minha decisão.

“Eu nunca havia posto uma gota sequer de álcool na boca. Restrições de uma avó cruz-de-ferro. Mas, poxa, aos 43, eu tinha o direito de experimentar. De ousar pela primeira vez.

“Entre na primeira bodega, pedi o primeiro copo de vinho vagabundo. Eu, um alemão, nunca tinha experimentado vinho ou cerveja. Pode uma coisa dessas? Dá para acreditar? Essa sim é realmente uma *verdadeira* aberração!

“Tomei um copo, apenas um copo de vinho. Não gostei. Pedi cerveja. Uma, duas, dez. Adorei. Vi que era coisa de macho. Bebi, bebi, bebi. Perdi a conta. Ganhei amigos etílicos. Um monte deles, que simplesmente surgiram aos borbotões. Eu nunca tive amigos. Nem na infância, nem na faculdade, nem em momento algum.

“Era um presente de Papai Noel: a cerveja e os amigos. Parecia a propaganda que a gente vê na televisão. Mulheres gostosas, caras sorridentes de bem com a vida, sol, mar e a *mar...vada!*

“A gente nunca dá bola pro ‘beba com moderação’, não é mesmo? E eu ali, com meus amigos recém-conquistados, caras sorridentes, de bem com a vida. Só não tinha mulher gostosa...

“Quando dei por mim, já quase sem dinheiro, rodopiando a esmo nas ruas do Centro, parei diante do primeiro luminoso que indicava um quarto vago. Esqueci de tudo, entreguei as últimas notas para um senhor mal-encarado. Ainda me lembro de ter dito que não queria ser incomodado (por que isso ficou na minha mente?). Subi, entrei, joguei o que restava de mim por sobre uma cama fétida. Apaguei.

“O resto - oh meu Deus! - só fui acordar no final da tarde de Natal, dominado por uma imensa dor de cabeça, confuso, tentando voltar a realidade. Saí do cortiço. E veio a notícia, estampada numa tela estúpida piscando na vitrine de uma grande loja. Eu ali, desfalecido diante dos fatos. Nove mortos. Ponte de Lovland. Natal. Nove mortos. Nomes. Lista de nomes. Correria. Casa da Sogra. Desespero.

“Lembro-me do soco que ganhei do meu cunhado alucinado. Fiquei sozinho. Bloqueei algumas passagens da história. Mais correria. Fugi da casa da minha sogra. Um táxi. Passando a ponte. Destroços ainda visíveis. O monstro metálico abatido. Meu coração apertado. Rodoviária da ilha. Lista pregada na parede. Linda Tetzner, Monika Tetzner, Claudia Tetzner. Todas mortas!

“O pior de tudo foi a tarde do enterro. Você se lembra? Todos os moradores da ilha estavam presentes. Eu nem imaginava que eram tantos assim. Flores, cantos, orações, lágrimas e despedidas. Os repórteres abordando-nos sem piedade. Voltei sorrateiro para casa. Passei a noite toda mexendo na terra, cultivando minhas sementes, colhendo as minhas cenouras e meus tomates maduros. Sozinho.”

E novembro deu as caras. Radiante. Eu continuava passando a maior parte do tempo na casa de Jörn, sendo que os únicos dias em que eu permanecia em meu lar eram os domingos e as quartas-feiras.

O motivo? Eu só conseguia escrever meus artigos sentado no meu sofá espaçoso, diante da minha arcaica máquina de escrever apoiada sobre a mesa de centro no meio da sala (Thomaz, meu editor, até hoje não se conforma por eu não usar um computador... aliás, nem eu sei também o porquê).

Coisas de um viado excêntrico.

No dia de Finados, permaneci todo tempo ao lado de Jörn. De comum acordo, não fomos até o cemitério da ilha. Não estávamos dispostos a encarar multidões e olhares maliciosos. Algumas fofoqueiras de plantão já haviam espalhado pela ilha que “o verdureiro arrumou uma empregada bicha e que *tava comendo* ela” e outras pérolas do gênero supremo da ignorância. Há sempre uma fruta podre na caixa de laranjas.

Graças aos Céus que Jörn não ligava para fofocas. A nossa relação fraternal era tão pura, tão honesta, tão *nossa*, que dificilmente algo conseguiria penetrar o escudo da nossa amizade.

Algumas freguesas mais assanhadas tentaram a sorte abordando Jörn descaradamente. E era divertido peitá-las, indicando que a “Mona aqui dominava o pedaço”.

Jörn até achava graça nos meus trejeitos de defesa de território. Ele se sentia protegido debaixo das asas purpúricas do seu novo anjo sempre em guarda.

Eu não deixava ninguém consumir o nosso precioso tempo com falatórios bestas ou cantadas inúteis. Daí a fama na redondeza de que “o verdureiro arrumou uma empregada bicha e que *tava comendo* ela”.

O primeiro Dia das Separações Dolorosas aconteceu na metade do penúltimo mês. Chovia muito no lado sul da ilha e naquela terça-feira eu comecei a ajudar Jörn a se desfazer de parte do seu passado, convencendo-o a doar algumas coisas que já não tinham mais serventia (móveis, roupas, brinquedos).

Havíamos conversado por muito tempo na noite anterior, no escuro da nossa praia deserta, dessa vez sem a companhia das estrelas. Num monólogo edificante, expus para Jörn os benefícios da doação espontânea.

Disse-lhe que ao nos depararmos com o sorriso sincero e o coração agradecido daqueles que são brindados com os nossos excessos materiais, este momento mágico realmente era capaz de mudar o curso de uma existência.

Não valia a pena guardar coisas que prejudicavam nossa evolução como pessoas. Tudo é finito. Tudo tem e mantém energias. Positivas ou não.

Para que manter abarrotado os nossos guarda-roupas com peças que jamais voltaríamos a usar? Para que guardar dezenas de pares de calçados somente para criar volume atrás da porta do quarto?

E os brinquedos? Seria justo manter peças que deveriam proporcionar momentos de aprendizado, diversão e infindáveis alegrias aos pequenos, mofando e armazenando pó dentro de uma caixa na garagem?

A bondade de um gesto deve ser paga com um sorriso sincero e com o coração aberto. Os dois lados sempre saem vencedores.

Foram dias empacotando coisas. Uma dura prova de resistência para Jörn. Praticamente tudo o que fora de sua mulher e filhas seria doado. Um lado do velho alemão estava exultante com a missão de fazer outras pessoas felizes.

Mas uma parte de Jörn estava em frangalhos. Novembro despedaçado. Uma blusa lilás de Linda (o primeiro presente que ele havia lhe dado) causava dor. Tipie e Tomie, os primeiros bichinhos de pelúcia das gêmeas fizeram aquele homem parar tudo e buscar forças nos meus braços, durante um longo e demorado abraço para equilibrarmos todas as energias. Éramos um depósito de emoções sufocadas.

A casa do verdureiro ficou mais arejada. E começava a ganhar vida nova. Na última semana de novembro passamos distribuindo o passado para alimentar o futuro de diversas famílias. Ali mesmo, em Gobsun, uma senhora paupérrima e sua filha ganharam uma montanha de roupas. Foi a nossa primeira vitória.

Sorridentes, esperançosos, cantando a indefectível “Eu vou sobreviver”, da querida Glorinha Gay, arranhávamos nossos parques conhecimentos de inglês, rindo até perder o equilíbrio sobre nossas bicicletas transformadas em trenós tropicais.

É impossível descrever um homenzarrão cor-de-camarão e uma gueixa anoréxica montados em suas bicicletas cheias de tralhas cantando a plenos pulmões nas areias de Lovland, e com direito a coreografias cabeçais e tudo mais como manda a tradição. Como uma biba lôca, Jörn não levava o menor jeito. Desabávamos de rir de nossas palhaçadas juvenis.

Mais adiante, deixamos boa parte dos brinquedos e o resto das roupas na única instituição de caridade da ilha, onde duas polpudas senhoras, donas de sorrisos afáveis, receberam com extrema alegria a nossa oferenda. Ganhamos pacotes de bolachas caseiras e um pote de mel silvestre pela nossa boa ação.

No final da tarde passamos na minha casa. Enquanto eu abria todas as janelas para aproveitar os últimos raios do sol, Jörn fora ao banheiro desaguar suas necessidades.

Já na cozinha, eu separava os apetrechos para o ritual do café, ligando em seguida o fogo para esquentar a água. Uma pausa para o nosso merecido instante de descanso.

Belisquei o pedaço de um velho chocolate que jazia na minha geladeira deserta. O gosto estava horrível. Lavando as mãos para eliminar os vestígios da minha leve traquinagem, reparei que a casa estava imersa em um silêncio perturbador.

As canecas fumegantes pairavam sobre a mesa da cozinha. Sentado na cadeira, à espera do meu amigo, crescia uma impaciência aterradora no centro do meu peito.

Abandonei a cozinha, o coração aos pulos, e fiquei mais apreensivo ao ver a porta do banheiro aberta e nada de Jörn em seu interior.

A sala estava vazia. Numa guinada de 180 graus, encontrei Jörn no meu quarto, sentado, chorando em minha cama. Entrei, pé ante pé, em silêncio.

“Nossas camas são iguais. E não estou dizendo isso no que se refere ao móvel em si”, disse Jörn, acariciando meu endredom.

Eu já havia reparado que nossas camas realmente eram iguais. Almas gêmeas vindas do mesmo tronco. Mas o que inacreditavelmente havia me fugido à percepção, era a maneira como nossas camas estavam arrumadas: um lençol branco, um endredom multicolorido (o meu em tons pastéis e o da casa de Jörn, em tons vibrantes) e dois travesseiros altos, fofos, enormes, embalados em fronhas repleta de babados inúteis.

O lado esquerdo, todo bagunçado, era o que eu dormia (Jörn também dormia do lado esquerdo) e o lado direito, onde estava o segundo travesseiro, permanecia impecável, à espera do amor que tinha ido até ali na esquina comprar cigarros e jamais voltado.

Uma mania, um tique, um detalhe que para muitos poderia passar despercebido. Nossas camas, durante nossos momentos de solidão, permaneciam desalinhadas, desleixadas, disformes no canto que um dia abrigou os nossos corpos.

Já o lado oposto, onde repousava o segundo travesseiro, mantínhamos intacto, alinhado, impecável, perfumado com o resto do cheiro dos nossos amores de um passado sem volta.

Nos meses em que fiquei tomando conta de Jörn em sua casa, dificilmente eu entrava em seu quarto, já que ele havia terminantemente me proibido de fazê-lo, e todas as manhãs, ao

acordar, Jörn fazia questão de “arrumar a cama do seu jeito” e ele mesmo limpava o quarto de tempos em tempos. A porta sempre permaneceu fechada.

Desde que Clóvis me deixou, eu seguia praticamente o mesmo ritual: limpava o quarto duas vezes por semana, mas raramente arrumava o meu lado na cama.

“Desde que Linda se foi”, disse Jörn, em prantos. “Eu passei a dormir no chão, bem ao lado do lado dela, pedind...”

“...do perdão pelos meus atos falhos; buscando a compreensão das minhas faltas, tentando encontrar uma saída!”, dissemos o restante da frase em uma só voz. Nossos olhares mareados confirmavam o nosso destino.

Nesse tempo todo, tínhamos agido da mesmíssima forma. Eu também dormia ao lado da cama, e de vez em quando ousava tocar no espaço onde outrora dormia o meu amado, levando em seguida a ponta dos dedos junto as minhas narinas úmidas, buscando com sofreguidão o cheiro, a química daquele corpo que eu tanto amei.

Eu e Jörn perdemos nossos amores, nossas bases de sustentação, nossa garantia de um futuro livre das amarras da Senhora Solidão, a maldita. E ali, diante de uma coincidência, mais uma vez nossas feridas desabrochavam seus interiores dolorosos, causando-nos desolação.

Abracei Jörn com delicadeza. Mais do que nunca, naquele instante precisávamos de apoio mútuo e dessa vez, acho que era eu quem necessitava de um pouco mais de carinho. A ficha caiu tarde demais.

Jörn puxou-me para si, fazendo com que meu corpo leve tombasse em seu colo. Suas mãos pesadas, alternadamente, bailavam ora sobre meus cabelos lisos, ora em meus lábios secos, onde dedos trêmulos, rijos, claudicantes, transformavam um ato mecânico em carinho autêntico, renovador.

“Fruta McBee. Quando ousei pela primeira vez, perdi minha família. Amaldiçoei a bebida. Agora”, continuou Jörn, com as palavras quebradas pela convulsão do choro, “preciso ousar pela segunda vez, mas quero - e acho que tenho o direito de tentar - viver o amor na sua magnitude. E quero viver esse amor com voc...”, ele não completou a frase, pois eu o sufoquei com um beijo intenso.

Numa situação normal e corriqueira, Jörn e eu jamais teríamos ido para uma cama. Aquele corpo tipicamente germânico: transparente, volumoso, onde uma espessa camada de pêlos dourados cobriam somente pernas e braços rústicos, poderia até ser o sonho de muitos (e muitas) por aí, com toda certeza.

Jörn não era gordo, longe disso. Tinha um belo corpo proporcional à altura. Seu rosto, bonachão, não trazia demais atrativos. Era totalmente quadrado, onde uma boca fina desprovida de lábios salientes e um nariz adunco contrastavam com a imensidão do seu olhar azul profundo. O segredo da beleza ingênua de Jörn estava em seu olhar.

Eu, por outro lado, também não era nenhuma beldade, porém tinha meus atrativos. Corpo magro desprovido de excessos; pele sedosa, quase feminina, levemente bronzeada. Um rosto ovalado, meio achatado, que carregava um narizinho arrebitado, uma boca de lábios delicados e naturalmente vermelhos *estou-aqui-e-arrasei*; um par de olhos castanhos, com uma leve propensão ao verde intenso nos dias muito claros, e finalmente, meu grande orgulho: meus cabelos negros, lisos e compridos, beirando pouco abaixo da linha dos ombros.

Meu gosto por corpos masculinos tinha a ver com a minha igualdade. Eu gostava de homens magros, altos, sem pêlos (inclusive nas partes íntimas) e na mesma faixa etária, por volta dos 35. O corpo de Clóvis era assim. E praticamente as dezenas que vieram antes dele, também.

Depois do primeiro beijo: intenso, selvagem, preciso, Jörn passou a descobrir meu corpo com suas mãos agora mais calmas.

“Fruta McBee, eu quero fazer amor com você. Eu quero que você me ensine, me conduza, me mostre o caminho do prazer”, disse Jörn, levando meu corpo para o topo da cama.

“Quero ousar e agora tomo a liberdade de invadir o espaço do teu segundo travesseiro”, ele prosseguiu, buscando mais um beijo, agora repleto de ternura.

Eu não tinha palavras. Elas permaneceram ocultas em algum lugar da minha mente confusa. Assenti com alegria os desejos daquele homem. Bailei com carinho meus dedos finos por toda a extensão do seu rosto, sugando o suor de sua testa larga com a ponta do meu dedo indicador.

“Eu não estou transando com um homem, McBee. Eu descobri, nesses meses em que convivemos juntos, que o amor realmente não tem sexo. Não importa se agora estou na cama com um homem que se julga mulher ou com uma mulher dentro do corpo de um homem. Céus, quanta bobagem! Quanto desperdício de energia que os ignorantes gastam na afirmação do sexo natural!

“Eu sou um homem. Um homem que amou somente uma mulher. Mas agora eu sou um cara que descobriu uma outra maneira de amar, de viver, e estou prestes a me entregar a algo realmente divino!

“Amar é divino. É compreensão e sacrifício. Veja você, Fruta McBee. Você invadiu o meu destino, livrando-me com tuas asas e com tua força por duas vezes do abismo que eu mesmo cavei para mim. Você aceitou ficar ao lado de um homem abatido, doente, mentalmente perturbado, dando-lhe forças para reaprender a viver. Você aplicou em mim tudo aquilo que você expõe tão lindamente nos teus artigos. Você me amou sem cobranças, sem esperar nada em troca.

“E eu, que vivia no preconceito e na ignorância; que em muitos dias cheguei a ter nojo de você - me perdoe por dizer isso agora - pelo simples fato de você ser diferente... Céus, isso foi um tremendo absurdo!

“Em você descobri o valor da real amizade. Em você descobri a importância de se dar às pessoas os objetos materiais que já não devem mais ser parte integrante de nós mesmos. Em você eu redescobri a alegria de ser valorizado, incentivado, aceito nas minhas limitações.

“Vem, Fruta McBee. Dê-me a última lição dessa jornada difícil, porém gratificante. Vem, deposite o peso do teu corpo lindo por sobre o meu. Deixe-me sentir o calor dos teus beijos por horas sem fim. Ensina-me a ser ativo e passivo e completo nos mistérios do sexo que só dois homens podem realizar.

“Vem, McBee. Realize o amor comigo. Agora!”

Dizer que foi algo mágico, surreal, seria cair no lugar comum. Todos nós deveríamos ter a oportunidade única de “realizar o amor” ao menos uma vez na vida.

E foi isso que eu fiz com Jörn: AMOR.

Entrelaçamos nossos corpos, entregando nossos espíritos cansados ao sabor de carícias incessantes, onde nossas bocas sugavam nossas línguas e a química de nossas salivas se transformavam lentamente num néctar delicado e doce.

Aquela bebida invejada pelos anjos, que somente os humanos conseguem produzir quando amam de verdade.

E na troca intensa dos beijos, descobri que eu estava perdidamente apaixonado por Jörn Tetzner.

Dos beijos sem fim partimos para as carícias de todas as partes dos nossos corpos. Abrindo o momento de aprendizado e submissão, minha boca percorreu lentamente cada poro da pele rúbea do meu alemão. Nos pontos mais sensíveis, eu intensificava o poder da minha língua, e o grande homem se contorcia, se debatia, se rebelava nos recônditos do verdadeiro prazer oral.

Com minhas mãos experientes, massagens revigorantes inundaram aquelas coxas fartas de pêlos longos, dourados e macios. E a língua – sempre ela – abria espaço no imaculado centro do equilíbrio do homem.

Com beijos delicados eu comecei abrindo a mata virgem. Com mordidas selvagens eu continuei, marcando cada centímetro daqueles montes macios, até então inexplorados.

Sentir a textura intacta de cada prega daquele ânus rosáceo, pulsante, delirante, que consumia e mordiscava e engolia aos poucos a ponta da minha língua sem fim, era algo mais alucinante do que todas as drogas existentes no universo.

“Por que você precisa de drogas se fazer amor dá muito, muito mais barato?”, eu sempre dizia isso a Clóvis, depois que transávamos indubitalmente embalados na sua maconha. Recordações sem sentido. Vamos voltar ao que interessa.

Jörn estava em transe. Sua alma pairava sobre nossos corpos, aplaudindo a minha performance, aprovando com louvor todos os meus atos.

Rodei com imensa facilidade aquele corpanzil. E mais uma vez aumentamos a quantidade da bebida dos deuses enquanto misturávamos nossas salivas puras.

Masturbei com a boca e a palma de minha mão direita o sexo de Jörn, que de tão grosso e rígido, parecia pronto para explodir a qualquer instante.

E foi exatamente isso que aconteceu. Jörn, alucinado, despejou a sua essência retesada por séculos em minha boca pequena. Agora a alquimia completava o seu primeiro ciclo. Fechamos nossa primeira vez com mais um beijo intenso. O beijo dos realizados.

Dezembro já chegava ao seu derradeiro final. Para suplantar a dor da lembrança da data fatídica, Lovland ganhou uma nova decoração de Natal. Ainda baqueados com o triste ocorrido (e que nenhum nativo ousava comentar em público qualquer coisa referente ao acidente), múltiplos eventos foram realizados durante todo o mês, garantindo um ótimo fluxo de turistas (o verão chegara com força total) e muito trabalho e descontração, aliviando o fardo coletivo.

Discretamente, eu permanecia atento a qualquer alteração de humor em Jörn. Nosso relacionamento - agora “namorando” - caminhava a passos serenos.

O diálogo continuava sendo a chave do nosso sucesso. Conversávamos sobre todos os assuntos, abertamente. Respeitávamos nossas diferenças, aprendíamos a harmonizar nossas manias e, o mais importante, administrávamos com equilíbrio os nossos defeitos.

Já na cama - ahhh, a cama! - descobríamos a cada enlace uma nova maneira de ampliar o nosso prazer.

Quando se faz amor, o ato sexual torna-se um complemento secundário. Gozávamos durante nossos beijos intermináveis, atingíamos o clímax simplesmente ao unir nossos corpos e nos manter aquecidos por toda a madrugada; quebrávamos os limites do êxtase apenas com a troca de olhares apaixonados, seguidos de sorrisos radiantes. Éramos felizes!

Já não estávamos mais simplesmente apaixonados; a paixão é apenas um degrau sorrateiro. Permanecíamos imbuídos no Amor as vinte e quatro horas do dia, sete dias por semana... e o resto é uma questão de cálculos exatos.

# epílogo

Vinte e quatro, onze e trinta. Superado na superfície os problemas e as aflições de outrora, ao chegar à casa de Jörn naquela noite (eu permaneci fora por toda a tarde, a pedido dele), encontrei um bilhete sobre a cama de casal:

“Sven Fruta McBee.

Estou no escuro, à espera da minha Estrela Maior. Tire a roupa, traga o segundo travesseiro e venha fazer amor comigo no nosso lugar sagrado.

Teu, para todo sempre,

Jörn Tetzner”

Levei quatro exatos minutos para seguir as ordens do meu amado. Ao chegar, uma profusão de velas brancas e azuis alumiam o centro de um tecido espesso, recheado de algodão. Era o meu endredom, transformado magistralmente numa cama etérea. Um cenário de sonhos.

Com suavidade, pousei meu segundo travesseiro no lado direito da “cama”. Jörn estava em pé, nu, encobrindo o sexo com o *seu* segundo travesseiro. Retirei o pomposo da frente do meu báculo sagrado, pousando-o por sobre o *meu* pomposo, que agora estavam impregnados com nossos cheiros, nossa alquimia medieval.

Beije o sexo do meu homem, que em segundos adquiriu a forma de uma lança portentosa. Lágrimas de satisfação escorriam pelas faces róseas do velho alemão e as mais resistentes trilhavam seu lindo peitoral, repousando enfim no centro dos seus mamilos rijos, umedecendo-os.

Após um longo tempo degustando as delícias daquela carne que se debatia ferozmente na entrada de minha garganta, Jörn puxou minha cabeça para o alto, buscando em seguida o primeiro beijo da noite.

Deitamos no leito dos prazeres. Víamos, do nosso lado direito, as diminutas luzes do centro da ilha, muito distantes, onde ocorriam os festejos natalinos aos pés da igreja de S. Crabedean.

Meu corpo era posicionado para o prazer. De quatro, sempre de quatro. Jörn penetrava-me com suavidade, aumentando paulatinamente o ritmo das suas estocadas. Fundíamos nossos corpos numa só carne. Aumentávamos as flexões ao mesmo tempo em que nossos corações bombeavam com ferocidade todos os nossos fluidos.

Na décima segunda badalada, que ouvíamos com pouca intensidade ao longe, já era oficialmente o Natal e alguns fogos de artifício coroaram a gozada mais espetacular que Jörn havia depositado dentro de mim.

Empapados em nosso suor, onde nos lambíamos como que à procura das últimas gotas de uma essência rara, recuperávamos o folego para logo em seguida reiniciamos nossas comemorações íntimas.

O vento surgiu de mansinho, apagando, como num passe de mágica, uma a uma das velas. Na escuridão, hipnotizados com o som da maré alta, Jörn passou a brincar com o *pequeno Bee* com a ponta de sua língua áspera.

Beijando-o, sugando-o, deixando-o em estado de alerta, era a minha vez de agarrar os dois travesseiros e gritar e espantar as corujas. E após derradeiros minutos, inundei a boca do meu amado com o segundo leite mais puro do bicho-homem.

Entregando-nos a mais um abraço, misturávamos a combinação final da nossa alquimia no mais denso e profundo beijo que só pode ser trocado por pessoas do mesmo sexo.

Estava pronto o elixir da longa vida.

Acordei com um sol fraco a eliminar os vestígios de um sono divino. Nu, com um pouco de frio, procurei Jörn ao meu lado e só encontrei o segundo travesseiro vazio, levemente coberto de areia.

Lançando um olhar perscrutador por toda a extensão da praia, nenhum sinal aparente do meu amado num raio de dezenas de metros.

Fiz um vestido medonho com o endredom ao redor do meu corpo. Nas mãos, eu segurava nossos travesseiros de maneira bamboleante, arrastando-me de volta ao meu segundo lar.

A casa estava aberta, onde porta e janelas escancaradas permirtiam a entrada triunfal da luz calmante naquele dia de festa.

Sobre a mesa da cozinha, vi minha caneca de ágata azul royal, e embaixo dela, uma folha de papel delicadamente enrolada, onde um laço simples prendia o canudo. Um pequeno sino dourado repousava amarrado numa das pontas da fita fita vermelha.

O bule com café ainda quente jazia sobre o fogão. Enchi meu caneco. Sorvi um baita gole. Abri minha carta de amor com extremo cuidado, lendo a bela caligrafia de Jörn, logo em seguida:

*“Fruta McBee Tetzner,*

*Ver o teu corpo aveludado repousando, sereno, sobre o nosso endredom hoje pela manhã, era como apreciar a obra de um pintor renascentista, igual a um desses quadros doidos que a gente cansou de babar, juntos, nas longas tardes em que curtíamos a companhia um do outro, apreciando os livros de arte que descobrimos naquela caixa repleta de traquitanas que você achou na tua garagem no último setembro.*

*Ser amado – Céus, e como eu fui amado por você! – da maneira que só você me amou foi um dos melhores presentes que Deus poderia ter me concedido nesta vida.*

*Ter descoberto as beatitudes do diálogo franco e direto que travamos durante tantas e tantas horas durante os meses em que ficamos juntos foi algo que enobreceu a minha vida de maneira tão grandiosa que, nesse momento – estou chorando copiosamente –, falta-me palavras corretas para tentar ilustrar o que sinto. Mas sei que você me compreende. Você – e só você! – tem o dom de me entender.*

*Ter eliminado o preconceito da minha alma, e descoberto que o amor entre dois seres que se querem está acima de sexos definitivos e roteiros pré-estabelecidos... puxa, como eu gostaria que o mundo soubesse disso e que as irmãs Ignorância e Hipocrisia fossem atiradas no fogo do Inferno (mas o inferno não existe, não é mesmo?) e aniquiladas para todo o sempre.*

*Eu fui um homem feliz, pois vivi intensamente todas as formas do Amor.*

*Mas como um ser imperfeito que sou, covarde como sou, imbecil como sou, sucumbi aos desígnios da Morte e já não estarei mais contigo quando você ler esta carta.*

*Esta não é uma carta de despedida. E pelo menos eu não estou sendo egoísta como o teu Clóvis. Há uma resposta para os meus atos.*

*Lembre-se de mim como o homem alegre e sensível transfigurado através do teu amor. Lembre-se de mim como aquele ser iluminado através não só dos teus artigos surpreendentes (eu nunca te falei, mas desde que vim morar em Lovland com minha família, eu jamais deixei de ler um texto teu sequer – sempre fui teu fã, desde o início), mas também iluminado por causa da tua companhia impactante.*

*Não chore, pois “Eu vou sobreviver”. Levante-se, pedale sem destino por nossas praias, e cante, cante, cante... bata o cabelo... é divertido! E ao voltar pra casa, bote Donna Summer pra tocar.*

*Você é um homem bom. Teu trabalho incentiva o melhor das pessoas (pode acreditar nisso!) e você vai encontrar alguém para preencher o teu coração definitivamente. É o teu direito ser feliz ao lado da pessoa certa.*

*Ele vai preencher a tua vida, preencher todos os teus vazios repletos de inerências.*

*Linda e as meninas partiram por causa da minha irresponsabilidade. Eu estou partindo agora por pura fraqueza, pois preciso me encontrar com elas a qualquer custo (você está me odiando por isso).*

*Não fique triste neste Natal. Você não está sozinho. Neste exato momento, enquanto você acompanha minhas palavras derradeiras, há um alguém que está na tua mesma sintonia, passando pela mesmíssima situação que você e que será atraído pela tua luz que emana além-mar.*

*Adeus, meu companheiro. Perdoa-me no futuro pelos meus erros do presente.*

*Não saia de casa. Tome mais uma dose de café. Vá para a nossa cama (fique com ela, doe o resto das coisas, arrende nossa horta, os papéis estão na terceira gaveta da pequena cômoda), deite-se, chore um pouco, recorde somente os momentos maravilhosos que passamos juntos.*

*Abraça-me, beije-me, sinta a textura da minha pele e o cheiro do meu corpo.*

*Nunca se esqueça: EU SOU o teu segundo travesseiro.*

*Jörn "Anta cabeçada" Tetzner*

\* \* \*

Vinte e quatro. Onze e trinta. Deitado na cama. Aguardando a chegada do Natal de 2006. Abraçado ao meu segundo travesseiro. Saudades tranquilas. O cheiro ainda permanece. Uma lágrima cai. Foi bom, muito bom. Eu sei que ele está bem...

... o corpo nunca foi encontrado.

## Colabore com melhor site de literatura gay do brasil!

Se você curtiu muito o texto que acabou de ler e quiser colaborar financeiramente apoiando meu trabalho, seria um ato muito bacana de sua parte. Hoje, vivo exclusivamente daquilo que escrevo.

### **MAS, ANTES DE COLABORAR, POR FAVOR LEIA ISSO:**

Todo os artigos, contos e livros digitais (*e-books*) contidos em meu site são de **minha autoria** e estão disponíveis de maneira **TOTALMENTE GRATUITA**. No entanto, se você quiser **CONTRIBUIR ESPONTANEAMENTE** para a continuidade da produção literária exposta em moasipriano.com, poderá depositar **R\$ 5,00** (ou o valor que você achar justo) na seguinte conta-poupança:

**Caixa Econômica Federal (CEF)**

**Agência: 2209**

**Conta Poupança:**

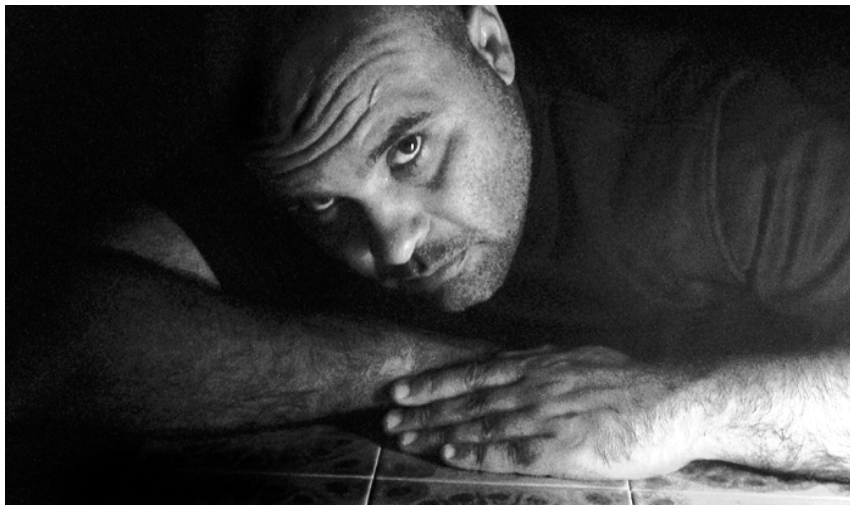
**34097-2**

**OBS:** Qualquer tipo de ajuda será bem-vinda e, antes de tudo, vista como um **SINAL DE GRATIDÃO E RECONHECIMENTO À PROPOSTA DESSE PROJETO**. Por favor, jamais se sinta forçado a nada. E muito obrigado, de coração, por ser meu fã, me apoiar e curtir o meu projeto literário!

**[www.moasipriano.com](http://www.moasipriano.com)**

## O AUTOR :: MOA SIPRIANO

Nasci no dia 13 de junho de 1968, em Jundiaí, uma próspera cidade do interior de São Paulo. Minha mãe é uma guerreira. Tenho duas irmãs fantásticas, dois cunhados bacanas, duas sobrinhas fofas, algumas primas idolatradas e uma tia que é fora-de-série. Ah, também tenho um pai... ausente.



Comecei a escrever roteiros, poesias, letras de músicas e outras bobagens aos 12 anos. Eu vivia anotando meus sonhos e minhas verdades em papéis soltos que foram se perdendo pelo caminho. Sempre escrevi histórias que de alguma maneira retratavam a homossexualidade masculina.

Em 1988, após uma experiência pessoal “abalante”, resolvi desabafar através de uma autoterapia forçada, escrevendo em uma madrugada **“Uma carta para Hans”**. Foi o primeiro conto.

Em 2004, ao criar a primeira versão do meu site oficial, fiquei totalmente surpreso com a polêmica, os comentários inflamados e a repercussão positiva junto aos leitores ao publicar meus primeiros artigos na Internet: **Deus x Gays, Afeminado? Tô fora e Você é Ativo ou Passivo**; além da série **Poltrona 47** (cinco contos que retratam as experiências sexuais de um rapaz dentro de um ônibus) e o conto **Filipe** ou **Treze homens e um destino** (história que retrata de uma maneira polêmica as atitudes de um rapaz que ao saber que pode estar contaminado com o vírus da AIDS, num momento de revolta e irresponsabilidade total resolve se vingar e transar com treze homens em um único dia).

Foi este incentivo que me levou a apostar no meu tipo de literatura. Desde então, nunca mais parei de escrever, procurando aprender e evoluir a cada dia como um bom contador de histórias gays.

Em 2005, por causa do sucesso do conto Filipe, busquei inspiração para desenvolver o projeto **30 dias – Diário das experiências sexuais de Jäger**. A história de Jäger foi realmente escrita em tempo real, conforme as datas descritas no diário do personagem. Foi um desafio enorme escrever trinta capítulos em exatos trinta dias e postar um capítulo diário, em formato de blog, em meu site. E mesmo não tendo divulgado devidamente este projeto, a repercussão foi muito promissora. 2007 foi o ano em que acabei me tornando um pioneiro na divulgação e distribuição no Brasil de livros digitais gratuitos contendo literatura gay de qualidade.

Hoje, após mais de 120 mil *downloads* no Brasil de todos os meus títulos publicados via Internet e por causa do apoio e incentivo dos meus leitores e fãs é que continuo me esforçando na produção constante e divulgação permanente de uma literatura “gay” de excelente entretenimento.



## Creative Commons License Deed

---

Atribuição-Uso Não-Comercial-Compartilhamento pela mesma Licença 2.5 Brasil

Você pode:

copiar, distribuir, exibir e executar a obra



criar obras derivadas

**Sob as seguintes condições:**

**Atribuição.** Você deve dar crédito ao autor original, da forma especificada pelo autor ou licenciante.

**Uso Não-Comercial.** Você não pode utilizar esta obra com finalidades comerciais.

**Compartilhamento pela mesma Licença.** Se você alterar, transformar, ou criar outra obra com base nesta, você somente poderá distribuir a obra resultante sob uma licença idêntica a esta.

- Para cada novo uso ou distribuição, você deve deixar claro para outros os termos da licença desta obra.
- Qualquer uma destas condições podem ser renunciadas, desde que Você obtenha permissão do autor.
- Nothing in this license impairs or restricts the author's moral rights.

Qualquer direito de uso legítimo (ou "fair use") concedido por lei, ou qualquer outro direito protegido pela legislação local, não são em hipótese alguma afetados pelo disposto acima.

<http://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/2.5/br/>